

Bruno Ribeiro

HELENIRA RESENDE

E a guerrilha do Araguaia



expressão
POPULAR

VIVA
O POVO
BRASILEIRO

RECORTES | PERFIS

**HELENIRA RESENDE E
A GUERRILHA DO ARAGUAIA**

**HELENIRA RESENDE E
A GUERRILHA DO ARAGUAIA**

Bruno Ribeiro

1ª edição

EXPRESSÃO POPULAR

São Paulo - 2007

Copyright © 2007, by Editora Expressão Popular

Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho e Miguel Cavalcanti Yoshida*

Projeto gráfico, capa e diagramação: *ZAP Design*

Fotos: *cedidas por Janaina de Almeida Teles, da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, e legendadas por Helenalda Resende*

Impressão e acabamento: *Digitop*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

R484h Ribeiro, Bruno
Helenira Resende e a Guerrilha do Araguaia / Bruno Ribeiro —1.ed. —São Paulo : Expressão Popular, 2007. 93p.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>
ISBN 78-85-7743-029-1

1. Resende, Helenira. 2. Guerrilha - Araguaia.
3. Guerrilheiros - Araguaia. 3. Movimentos sociais rurais.
I. Título.

CDD 21.ed. 923.581
923.31
981.09

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: abril de 2007

3ª reimpressão: setembro de 2023

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Alameda Nothmann, 806, Campos Elíseos

CEP 01216-001 – São Paulo – SP

atendimento@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 [ed.expressaopopular](https://www.facebook.com/ed.expressaopopular)

 [editoraexpressaopopular](https://www.instagram.com/editoraexpressaopopular)

“Luto por um Brasil novo
E livre de generais
Pelos direitos do povo
E liberdades iguais

O fraco vira no forte
No grande vira o pequeno
Aos poucos se muda a sorte
E largo fica o terreno

Conheço bem esta terra
E luto com decisão
Domino a arte da guerra
É justa minha razão”

(Canto dos guerrilheiros do Araguaia,
autoria desconhecida)

Sumário

Uma apresentação necessária	9
A chegada da ditadura.....	13
Helenira, uma menina especial	19
Helenira é torturada na prisão	23
A formação de uma guerrilheira	27
Helenira vai para a guerrilha	31
A vida na selva	39
Enfim, os combates	47
A morte de Helenira	57
Helenira: Presente!	65
Carta Póstuma para Helenira.....	69
Poemas para Helenira	73

Uma apresentação necessária

O poeta francês Paul Claudel escreveu certa vez que “a juventude não foi feita para o prazer, mas para o heroísmo”. Essa frase poderia ser usada para definir o espírito de uma geração de jovens que viveu e lutou nos “anos de chumbo” no Brasil, período que se inicia no dia 31 de março de 1964, com o golpe militar que derrubou o presidente João Goulart, e só termina com a abertura política conquistada em 1985. Nesses 21 anos de ditadura, mais de 400 pessoas foram assassinadas, morreram nas sessões de tortura ou desapareceram nas mãos dos órgãos repressores do Estado. Foram 25 mil presos políticos e cerca de 10 mil exilados – brasileiros como nós, condenados a fugir e a viver em países estrangeiros, longe de sua pátria, família, amigos, língua e costumes.

Houve ainda aqueles que morreram em combate, lutando contra a ditadura, no campo e na cidade, de arma na mão. Estes fizeram parte da vanguarda da população e foram os principais responsáveis pelo processo que acelerou a volta da democracia. Entre esses valorosos brasileiros estava a estudante paulista Helenira Re-

sende, verdadeira heroína do povo cuja história iremos contar neste livro.

Porém, antes de falar sobre Helenira, é preciso entender a razão que levou pessoas como ela a entrar para a luta armada. O desconhecimento da história e o preconceito das elites ainda fazem com que muitos brasileiros que deram suas vidas pela pátria sejam vistos como terroristas ou permaneçam esquecidos pela história oficial. O nome de Helenira e de seus companheiros não consta nos livros de escola e não há notícia de que tenham sido homenageados oficialmente depois de mortos. No caso dela, nem mesmo seus restos mortais foram entregues à família – que nunca pôde dar-lhe uma sepultura digna.

Apesar de esquecido pela maioria, o nome de Helenira está gravado na memória do povo pobre de Faveira, Caianos e Gameleira, municípios localizados no Estado do Pará e no médio Tocantins, onde se desenvolveu a Guerrilha do Araguaia, o maior foco de resistência à ditadura no Brasil. Helenira Resende foi uma das mais conhecidas combatentes desse movimento que atuou na selva amazônica e travou três grandes combates contra as tropas do governo. Sua coragem, disciplina e bravura fizeram com que ela chegasse a ser vice-comandante de um destacamento guerrilheiro. Helenira ressaltou também o papel da mulher brasileira na luta pela liberdade.

Mas a pergunta que muitos se fazem é: o que teria levado uma estudante de classe média a abandonar o conforto do lar e da família para se alistar numa guerra de forças tão desiguais? Quando se juntou aos companheiros, sabia que trilhava um caminho sem volta: era vencer ou morrer. A guerrilha contava apenas com 69 militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e cerca de 30 camponeses da região, que aderiram ao movimento no decorrer da luta. Já os soldados a serviço do governo eram 5 mil. Algumas fontes falam até em um efetivo de 20 mil homens das três Forças Armadas. Apesar da desproporção numérica, a guerrilha sobreviveu por quase oito anos – de 1967 a 1975.

Em nenhum momento Helenira se deixou abater pelo medo ou pelo cansaço. Sabia que não estava lutando por um capricho pessoal, mas por uma causa coletiva. Tinha consciência de que participava de um evento histórico e dizia que seu sacrifício pertencia ao futuro. Quanto mais dificuldade encontrou pelo caminho, mais a jovem paulista teve a certeza de que só a luta revolucionária seria capaz de resgatar a liberdade subtraída pela ditadura.

Vamos então voltar ao ano de 1964 para que possamos entender o que se passava na cabeça de nossa personagem e de outros jovens de sua geração.

A chegada da ditadura

Antes de os militares tomarem o poder, o Brasil estava apenas começando a construir sua democracia. O presidente na ocasião era o gaúcho João Belchior Marques Goulart, mais conhecido como João Goulart ou simplesmente Jango. Ele tinha assumido a presidência em 1962, após misteriosa renúncia de seu inimigo político e então mandatário Jânio Quadros. Sua posse só foi possível porque a legislação eleitoral da época permitia que se votasse no presidente de uma chapa e no vice-presidente de outra. Jânio e Jango eram opostos. O primeiro pertencia à União Democrática Nacional (UDN) e o segundo, na condição de vice, era filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Enquanto Jânio era identificado com o pensamento da direita conservadora, Jango não escondia suas ideias progressistas e uma certa simpatia pelo pensamento de esquerda. Ele não era exatamente um comunista, mas, na época, bastava falar em reforma agrária ou manter relações diplomáticas com a China para que a burguesia rotulasse qualquer pessoa de “esquerdista ateu”. E João Goulart pregava a necessidade de se resolver o problema da terra no Brasil

e de negociar produtos com os países do chamado bloco socialista. Quando Jânio Quadros renunciou, alegando ter sido pressionado “por forças ocultas”, a elite nacional e parte da classe média passaram a se referir ao novo presidente, que detinha o apoio das camadas populares, como “aquele comunista ateu”.

O governo que Jango vinha realizando não era socialista, mas tinha nítido viés popular. A situação econômica do país não era favorável e o governo enfrentou desde o início uma forte oposição no Congresso Nacional. Houve demora em implantar as reformas de base – suas principais bandeiras de campanha – e o que se viu nos primeiros dois anos de governo foi o aumento da inflação e do custo de vida. Em parte porque os setores conservadores passaram a controlar o preço dos produtos com o intuito de desestabilizar o projeto de Jango. Parte da esquerda vinculada ao PTB também se afastou, irritada com a demora de Jango em tomar medidas radicais a favor dos trabalhadores, e muitas greves eclodiram no país. O enfrentamento de operários, estudantes e policiais passou a ser comum nas grandes cidades. E o clima de tensão fez com que, em 1963, os militares solicitassem, sem sucesso, o estado de sítio ao Congresso.

O leitor já deve ter percebido que o Brasil era um barril de pólvora. Jango era visto como a grande esperança dos pobres, ao mesmo tempo em que sofria um

severo boicote por parte de seus opositores. O maior medo dos conservadores era que, caso Jango conseguisse levar adiante as reformas prometidas, o país desse uma guinada à esquerda, o que já acontecia em vários países da América Latina. É bom lembrar que o mundo vivia o auge da guerra fria, com Estados Unidos e União Soviética disputando território e apoio político em escala planetária. Cuba já havia feito sua Revolução em 1959 e Fidel Castro e Che Guevara exerciam grande influência no pensamento de políticos de esquerda como Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e Miguel Arraes, ligados de alguma forma ao novo governo.

O movimento estudantil, do qual Helenira Resende fazia parte, estava empenhado em contribuir para a melhoria do ensino público. Ao menos no discurso, a educação era uma das maiores prioridades de Jango e os estudantes não abriam mão de pressionar o governo e ajudar nas mudanças que começavam a dar seus primeiros sinais. Não havia escolas públicas de qualidade longe dos grandes centros urbanos e essa era a maior reivindicação da juventude naquele momento. Além disso, havia uma grande efervescência cultural no meio universitário. Nunca se fez tanta música, cinema e peça de teatro. Os novos ares pareciam inspirar aquela geração, que via na arte um instrumento para transformar a sociedade por meio de uma revolução pacífica e alegre.

Em 1964, Helenira Resende tinha 20 anos e estava envolvida com o movimento estudantil. Ela ainda não era considerada “traidora da pátria” pelos militares e podia assinar seus artigos no jornal do colégio. A menina escrevia muito bem e defendia a escola pública para todos. Seus maiores sonhos eram ver o fim da desigualdade social no Brasil e atuar como crítica de arte depois de formada. Quando as tropas do Exército cercaram o Rio de Janeiro, às 5 horas da manhã do dia 31 de março de 1964, os sonhos de Helenira e de sua geração foram interrompidos bruscamente.

Da noite para o dia, muitas atitudes passaram a ser vigiadas e coibidas pelos militares. Ficou decidido que ninguém mais poderia publicar artigos com temas que eles considerassem “contrários aos interesses nacionais”. Escrever em defesa da reforma agrária ou educacional? Nem pensar. Isso era coisa de “subversivo” e o Brasil agora era um “país livre da ameaça do comunismo ateu”. A classe média conservadora saiu às ruas para festejar com faixas e palavras de ordem. Mas houve resposta: a camada progressista dessa mesma classe resolveu se organizar para resistir ao golpe. Helenira fazia parte dela.

Informado de que o Exército avançava pelas ruas do Rio de Janeiro naquela madrugada de março, Jango nada fez para frear o avanço das tropas golpistas. O professor Darcy Ribeiro, membro do governo, tentou convencê-lo a resistir. O presidente tinha o apoio do III Exército,

comandado pelo general Lazário, e do governador do então Estado da Guanabara, Leonel Brizola – que prometeu reunir armas para o enfrentamento. Mas Jango preferiu fugir para o Rio Grande do Sul e de lá para o Uruguai. Com o terreno livre, foi fácil para os tanques do Exército chegarem até a sede do governo e empossarem, poucos dias depois, o general Humberto de Alencar Castelo Branco. Helenira dormia depois de passar a noite estudando. Quando acordou, o Brasil já não era um país democrático. Mas o pior estava por vir, como veremos adiante.

Helenira, uma menina especial

Helenira Resende de Souza Nazareth nasceu no dia 19 de janeiro de 1944, em Cerqueira César (SP). Aos quatro anos de idade mudou-se com a família para Assis, uma cidade pequena também localizada no interior de São Paulo. Filha de Adalberto de Assis Nazareth e Euthália Rezende de Souza, a menina concluiu o Curso Clássico na EEPSG Prof. Clybas Pinto Ferraz, onde desde cedo se mostrou uma aluna aplicada, inteligente e comunicativa.

Segundo depoimento de Helenalda Rezende, sua irmã, a paixão de Helenira durante a infância e a adolescência era o basquete. Magra, alta e rápida, ela se sobressaía como a melhor jogadora da região da Alta Sorocabana, tendo integrado durante alguns anos a seleção de basquete local. Além desse esporte, Helenira gostava também de atletismo, tendo sido contemplada com várias medalhas na modalidade de salto à distância.

O pai de Helenira era um médico humanista dotado de grande inteligência e sensibilidade. Junto ao cronista Jairo Motta e ao também médico Gerson de Almeida, compunha o grupo do Consulado Baiano, na Avenida

Rui Barbosa, e frequentava lugares como o botequim “Pharmácia”, ponto de encontro onde se realizavam grandes debates intelectuais. Provavelmente, dr. Adalberto Nazareth, como era conhecido na cidade, foi o primeiro médico negro de Assis. Negro, comunista e espírita, ele não deixou de sofrer perseguições e desprezo da comunidade provinciana e conservadora da época.

Mas, apesar de tudo, Doutor Nazareth sabia de seu valor e não dava ouvidos à ignorância das pessoas. Seguiu trabalhando como um autêntico “médico de família”, visitando as casas mais humildes e afastadas e atendendo em seu consultório gente de todas as camadas sociais, principalmente os mais necessitados. A imprensa local registrou que muitas vezes ele não cobrava a consulta quando percebia que o paciente não tinha condições financeiras para pagá-la. Preferia receber seus honorários por meio de leitões, frangos, legumes, verduras ou coisas assim. Helenira cresceu aprendendo a admirar o pai, de quem herdaria o desprendimento material e a solidariedade para com os pobres.

Na carta intitulada “Em que leito de rio correrá seu sangue?”, sua irmã revela que Helenira era conhecida por muitos nomes e apelidos: em casa era chamada simplesmente de Nira; o bairro a conhecia por Lenira; para os colegas de faculdade era Preta (um apelido que fazia referência ao seu tom de pele); quando entrou para a luta armada passou a usar o codinome Fátima.

Em alguns documentos de guerra, o nome dela aparece erroneamente grafado como Elenira.

A irmã diz também que desde muito cedo ela se dedicava aos estudos da teoria marxista – o que a tornou uma liderança estudantil com posições avançadas e firmes. Suas ideias e propostas eram defendidas com argumentos sólidos na Rádio Difusora de Assis, onde costumava se pronunciar sobre temas que julgava importantes à comunidade. Foi inevitável que se tornasse fundadora e primeira presidente eleita do grêmio estudantil do colégio. Em pouco tempo ela já era responsável pela distribuição do jornal *A Classe Operária*, em Santos (SP), onde o PC do B precisava angariar militantes. Depois de passar noites em claro, escrevendo artigos para o jornal, ela conseguia encontrar tempo e disposição para viajar até o litoral e cumprir seu dever. A dedicação de Helenira à causa que considerava justa deixava muitos de seus amigos sensibilizados.

Sobre ela diz Luiz Carlos Munhoz, um ex-colega de escola em Assis: “Apesar de termos estudado na mesma classe, nunca cheguei a conversar com ela. Naquela época eu era um garoto tímido, tinha medo das pessoas e aquela vivacidade de Helenira me espantava. Após o término dos exames, voltei para minha cidade, Osvaldo Cruz, e por uma dessas estranhas coincidências da vida, reencontrei Helenira em 1967, numa daquelas assembleias que aconteciam no saudoso Conjunto Residencial

da Universidade de São Paulo (Crusp). Não me lembro bem de suas palavras, mas fiquei impressionado com seu tom de voz, decidido, ardente, apaixonado e em que nada destoava daquela figurinha marcante e sapeca que eu conhecera 5 anos antes”.

Sua atuação política precoce a levou a ser uma das maiores oradoras nos congressos estudantis e nas manifestações de rua dos anos de 1960. Era considerada uma “estudante nota cem” por seus professores da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), localizada na Rua Maria Antônia. Além de estudar Letras e se dedicar à militância, Helenira também dava aulas de Português em duas escolas estaduais: uma no Jardim Japão e outra em Guarulhos. Com seus alunos gostava de preparar peças de teatro que incitassem a reflexão crítica. Ela era assim, uma menina especial.

Helenira é torturada na prisão

Em 1968, quando a ditadura entrou em seu período mais violento, Helenira Resende foi eleita vice-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE). E foi ocupando esse cargo de grande responsabilidade que ela foi presa pela primeira vez, quando tentava convencer os colegas a participarem de uma passeata em maio daquele ano. Pouco antes, em 1967, ela tinha sido fichada, mas não chegou a ser presa. Depois de pichar o muro da Faculdade Mackenzie com a célebre frase “Abaixo a Ditadura”, ela e o colega Rafael Orlando D’Aléssio foram delatados por um estudante de Direito e tiveram de ouvir um sermão na polícia que durou duas horas e meia. Após confessarem ter ideias progressistas e discordarem de um regime sem eleições diretas, foram liberados com a promessa de “não mais subverter a ordem”.

Já foi dito que os militares impuseram uma série de proibições assim que assumiram o poder. Reuniões de estudantes e operários passaram a ser consideradas ilegais. O segundo confronto de Helenira com a polícia se deu durante o 30º Congresso da UNE, realizado em

Ibiúna (SP), também em 1968. Junto com ela foram presos outros 800 estudantes, vindos de várias partes do país. As prisões em Ibiúna foram muito simbólicas. Elas refletiam o ódio do regime para com a juventude que se organizava para contestar e fazer frente à perda progressiva das liberdades individuais e dos direitos civis.

Os militares tinham medo de que da organização estudantil pudesse nascer um foco de resistência armada ao regime. Eles não estavam totalmente errados, mas é importante compreender que a luta armada nasceu como consequência das perseguições – e não o contrário, como queria fazer crer o regime. “Antes da ditadura, não havia luta armada. Ela é uma realidade que nos foi imposta pela própria violência militar”, disse Helenira quando já se encontrava na condição de guerrilheira.

Na ocasião da prisão em Ibiúna, ela recebeu o tratamento que os milicos julgavam adequado às lideranças estudantis: foi humilhada com palavrões machistas e jogada à força dentro de um ônibus do Exército. Quando o veículo que a transportava entrou na Avenida Tiradentes, ela conseguiu entregar um bilhete a um transeunte. O bilhete, escrito às pressas, foi levado à sua residência, na Rua Robertson, 633, no bairro Cambuci. Em poucas palavras, Helenira avisava à família que havia sido presa, mas que estava bem. Naquela noite ela dormiu no Presídio Tiradentes e no dia seguinte

foi transferida para a sede do Departamento de Ordem Política e Social (Dops).

O temível Dops ficava no Largo General Osório n. 66, Luz, São Paulo. Era um labirinto de salões escuros e frios onde os presos políticos eram interrogados e, quase sempre, torturados. Helenira Resende já era uma líder conhecida em todo o país. E justamente por esse detalhe coube ao famigerado delegado Sérgio Paranhos Fleury ser o seu interrogador. Fleury recebeu-a com um tapa na cara. Chamou-a de “vaca comunista” e, não conseguindo obter as informações que queria, amarrou-a e praticou nela todo o tipo de tortura e humilhação. Terminou o palavrório jurando-a de morte. “Do nosso próximo encontro você não sai viva”, teria dito ele, segundo a própria Helenira. Ela não abaixou a cabeça em nenhum momento e manteve o olhar fixo em seu algoz. O orgulho da jovem estudante era uma de suas maiores qualidades.

Helenira Resende havia sido presa junto com outros líderes como José Dirceu, Luís Travassos, Antônio Ribas e Vladimir Palmeira. Porém, depois de interrogada por Fleury, foi transferida para o Presídio de Mulheres do Carandiru e não teve mais contato com os companheiros. Por intermédio da advogada Maria Aparecida Pacheco, a família conseguiu manter um único contato direto com Helenira durante os dois meses em que ficou presa. Por sorte, seu *habeas corpus* foi conseguido

um dia antes da promulgação do AI-5, ato institucional que decretou, dessa vez oficialmente, o fim dos direitos civis no Brasil. A UNE foi declarada uma entidade ilegal, bem como partidos políticos e qualquer associação que representasse ameaça aos planos da ditadura de se perpetuar no poder. O Congresso Nacional foi fechado, os militares se deram o direito de prender qualquer suspeito sem mandato judicial e as matérias dos jornais não podiam ser publicadas sem antes passarem pela aprovação da censura.

Fora das grades, Helenira soube que seus passos estavam sendo vigiados por agentes secretos do regime. Ela sabia que, se fosse presa novamente e caísse nas mãos do delegado Fleury, dificilmente permaneceria viva. Impedida de escrever seus artigos, lecionar normalmente e seguir na militância, tomou a decisão que julgou ser a correta: deixou a família e passou a viver na clandestinidade, com nome falso, ajudando a organizar a luta armada em diversos pontos do país.

A formação de uma guerrilheira

Um dos livros que mudaram a vida de Helenira Resende e de boa parte dos militantes de sua geração foi o *Minimanual do Guerrilheiro Urbano*, escrito por Carlos Marighella, o maior dentre os líderes revolucionários daquele período. Embora a guerrilha preparada pelo PCdoB fosse rural e divergisse em alguns pontos da luta urbana de Marighella, muitos dos ensinamentos contidos no pequeno livro de bolso distribuído em sigilo foram de grande valia para a preparação dos jovens comunistas.

Nele estava escrito:

O guerrilheiro urbano é um homem que luta contra uma ditadura militar com armas, utilizando métodos não convencionais. Um revolucionário político é um patriota ardente, ele é um lutador pela libertação de seu país, um amigo de sua gente e da liberdade.

Muitas vezes assaltos pelos delinquentes são interpretados como ações de guerrilheiros. O guerrilheiro urbano, no entanto, difere radicalmente dos delinquentes. O delinquente se beneficia pessoalmente por suas ações, e ataca indiscrimi-

nadamente sem distinção entre explorados e exploradores, por isso há tantos homens e mulheres cotidianos entre suas vítimas. O guerrilheiro urbano segue uma meta política e somente ataca o governo, os grandes capitalistas, os imperialistas norte-americanos.

O texto continuava definindo o que seriam as qualidades pessoais de um guerrilheiro na visão de Marighella:

O guerrilheiro urbano é caracterizado por sua valentia e sua natureza decisiva. Tem que ser bom taticamente e ser um líder hábil. O guerrilheiro urbano tem que ser uma pessoa preparada para compensar o fato de que não tem suficientes armas, munições e equipe.

As armas do guerrilheiro urbano são inferiores às do seu inimigo, mas, vendo desde o ponto de vista moral, o guerrilheiro urbano tem uma vantagem que não se pode negar. Essa superioridade moral é o que sustem o guerrilheiro urbano. Graças a ela, o guerrilheiro urbano pode levar ao fim seu trabalho principal, o qual é atacar e sobreviver.

Outras qualidades importantes no guerrilheiro urbano são as seguintes: que possa caminhar bastante; que seja resistente à fadiga, fome, chuva e calor; conhecer como se esconder e vigiar, conquistar a arte de ter paciência ilimitada; manter-se calmo e tranquilo nas piores condições e circunstâncias; nunca deixar pistas ou traços. Na frente das dificuldades quase impossíveis

da guerra, muitos camaradas enfraquecem, se vão, ou deixam o trabalho revolucionário.

O guerrilheiro urbano não é um homem de negócios em uma empresa comercial, nem é um artista numa obra. A guerrilha urbana, assim como a guerrilha rural, é uma promessa que o guerrilheiro se faz a si mesmo. Quando já não pode fazer frente às dificuldades, ou reconhece que lhe falta paciência para esperar, então é melhor entregar seu posto antes de trair sua promessa, já que lhe faltam as qualidades básicas necessárias para ser um guerrilheiro.

Essas palavras causaram uma transformação profunda no pensamento político de Helenira, cada vez mais decidida a se tornar uma verdadeira revolucionária a serviço do povo. Ela possuía quase todas as qualidades de um bom guerrilheiro: resistência física de atleta, base teórica sólida adquirida no marxismo, liderança nata e um amor desinteressado pelo próximo que era sua marca registrada. Ela achava apenas que ainda era ansiosa demais e precisava aprender a ser mais paciente, como ensinava o manual. A tal da “paciência revolucionária” da qual tanto se falava no movimento estudantil.

Helenira mal podia esconder sua indignação quando presenciava gente do povo se referindo aos guerrilheiros como “terroristas”. Ela sabia que, no fundo, a culpa era dos meios de comunicação controlados pelo governo e da desinformação geral existente em todas as classes.

Os ricos, aliás, eram os que mais criticavam as ações revolucionárias; mas eles, pelo menos, tinham algo a perder. Helenira conhecia de perto a luta e sabia que os companheiros não eram bandidos, mas pessoas comuns que decidiram tomar uma posição radical contra a ditadura. Eram patriotas e não “traidores a serviço da causa comunista”, como ouvia falarem no ônibus ou na fila do mercado. “Tenha paciência, Helenira. Quando a revolução triunfar, a verdade será compreendida”, repetia a si mesma e seguia em frente.

Helenira vai para a guerrilha

Quando, em 1966, o PCdoB realizou sua IV Conferência, foi discutido qual deveria ser seu posicionamento diante da ditadura instalada. Ficou decidido que os comunistas brasileiros não poderiam seguir outro caminho que não o do enfrentamento armado. Alguns militantes foram contra esse tipo de radicalização e saíram em defesa de uma solução pacífica para o problema. Mas a maioria optou pela luta armada e decidiu-se então que o partido iria se organizar para combater o governo ilegítimo usando a “violência revolucionária”.

Dentre os pontos que foram firmados nesse encontro secreto estava o de que a luta teria de ser desenvolvida no campo, já que na cidade os militantes vinham sendo perseguidos, torturados e mortos pelos órgãos de repressão. Cabe dizer que outros grupos – como ALN, MR-8, Polop, VPR, VAR-Palmares etc. – optaram pela luta urbana, praticando expropriações bancárias e ações que visavam abalar o poder do regime. O PCdoB, ao contrário, acreditava que o melhor caminho era iniciar uma luta de longa duração, numa área de difícil acesso afastada dos grandes centros.

Cuba, a pequena ilha que havia feito sua revolução socialista, era uma inspiração, embora os métodos que o PCdoB pretendia usar fossem completamente diferentes. Ainda assim, era impossível para os jovens brasileiros não se deixarem contagiar pela história dos barbudos liderados por Fidel e Che: no início eram apenas 12 homens famintos e munidos de armas precárias no alto da Sierra Maestra. Mas a perseverança e a estratégia guerrilheira dos rebeldes cubanos acabaram conduzindo o movimento à tomada do poder, com grande adesão popular. É claro que o trabalho dos revolucionários foi feito muito tempo antes de eles tomarem a decisão de deflagrar um movimento guerrilheiro na ilha. A articulação entre operários, camponeses e estudantes foi sendo trabalhada com paciência, aproveitando a grande a insatisfação geral que a ditadura de Fulgencio Batista havia instalado no país.

Portanto, a revolução cubana não foi uma aventura isolada ou uma decisão tomada por meia dúzia de jovens idealistas que decidiu derrubar o governo da noite para o dia. Os militantes brasileiros também acreditavam que mobilizar as massas era fundamental para legitimar um levante armado. Desde que, é claro, o movimento fosse a caixa de ressonância da sociedade, ou seja, que ela fosse a vanguarda de um desejo mais ou menos geral entre a população. E tudo levava a crer que a maior parte do povo estava insatisfeita com a di-

tadura no Brasil. Cuba, neste caso, não era apenas um espelho. A ilha rebelde era a prova de que o sonho era possível. A América Latina passava por um momento em que sonhar era também uma maneira de resistir. E a juventude brasileira sonhou.

O local escolhido para a preparação da frente guerrilheira foi a região do Araguaia, próxima das matas da Amazônia no Sul do Pará e parte do Maranhão e Goiás (hoje Tocantins). A área de atuação era superior em tamanho ao território da Itália. João Amazonas e Maurício Grabois, os maiores dirigentes nacionais do Partido, justificaram a escolha: tratava-se de um lugar inóspito, distante e habitado por camponeses miseráveis. Acreditavam que, dessa forma, os militantes poderiam criar as condições ideais para que o movimento recebesse a adesão desses camponeses e tomasse corpo para enfrentar o Exército de igual para igual.

Helenira Resende foi uma das primeiras militantes a chegar à região, por volta de 1969. Sem perspectivas de levar uma vida normal na cidade, logo depois de ser presa e torturada em 1968, ela resolveu se alistar como voluntária nas fileiras revolucionárias do Partido Comunista e foi enviada para o Sul do Pará junto com outros companheiros em igual situação. Ali, morando numa casinha humilde adquirida pelo PCdoB com o dinheiro das expropriações bancárias, ela se fez passar por lavradora antes de entrar definitivamente na selva.

No local escolhido para sua tarefa, Helenira enfrentava uma nova realidade: acordava cedo para capinar, colher e plantar seu próprio alimento. No resto do dia se dedicava ao treinamento militar na mata, ao estudo do marxismo e a visitar a casa dos moradores locais. Helenira e seus companheiros nunca se identificavam como guerrilheiros, nem davam seus verdadeiros nomes, pois todo cuidado era pouco. A aproximação visava conquistar a confiança da população e trazê-la para a luta.

A concepção que orientava o Partido era de que a guerra revolucionária só seria possível se um trabalho em longo prazo fosse feito com as massas. Ho Chi-minh, o grande revolucionário vietnamita, era citado nas reuniões: “É preciso comer, trabalhar e viver como o povo”. Só assim, acreditavam os companheiros, eles conquistariam a confiança da população. Uma confiança que entre os camponeses só podia vir de ações concretas, de exemplos diários, e não de discursos ideológicos. Apesar de se diferenciarem dos moradores locais pela aparência e pelo modo de falar, os guerrilheiros – chamados de “paulistas” pela população – não demoraram a se adaptar à vida no interior.

Aos poucos, a convivência com os moradores se transformou em amizade e muitas mulheres passaram a pedir para que Helenira – que usava o codinome Fátima – fosse madrinha de seus filhos. Há relatos de que muitas crianças nascidas na região durante aquele

período receberam o nome de Fátima por causa dela. Era a maneira que o povo encontrava de mostrar sua gratidão à moça inteligente e educada que, nas horas vagas, alfabetizava jovens e adultos sem pedir nada em troca. A alfabetização do povo era uma das prioridades assumidas por algumas guerrilheiras. A jovem professora e guerrilheira Maria Lúcia Petit, companheira de Helenira, dedicou-se ao magistério no Araguaia, tendo inclusive fundado uma escola na região.

Cabe dizer que, inicialmente, a guerrilha não queria o enfrentamento com o Exército. Antes disso, pretendia educar o povo e conscientizá-lo. Na avaliação do partido, a vitória seria impossível sem o apoio das massas. Assim, os militantes escreveram um manifesto contendo as principais necessidades do povo da região. O documento foi assinado pela guerrilha sob a denominação União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo (ULDP) e continha uma lista de problemas que deveriam ser combatidos e erradicados e de reivindicações das famílias da área: terra para trabalhar, punição severa aos grileiros e aos mantenedores do trabalho escravo, assistência médica gratuita, fim dos impostos para pequenos e médios lavradores, proteção à mulher e aos índios, liberdade religiosa, defesa do meio ambiente, criação de escolas etc.

A carta da ULDP terminava dizendo que “a revolução abrirá o caminho para uma nova vida” e convocava o

povo a aderir ao movimento. Cópias desse documento foram distribuídas entre a população durante as reuniões – que contavam com a presença dos moradores mais politizados. Alguns deles, tocados pela justiça da causa, se tornaram também guerrilheiros. Enquanto isso, toda a região ia sendo mapeada, os igarapés reconhecidos, as grutas e as trilhas anotadas, a selva tornando-se amiga. O reconhecimento inicial da floresta, futuro cenário da guerra, foi feito com a ajuda de mateiros locais e moradores cuja sobrevivência vinha da mata. Eles conheciam como ninguém a área e ensinaram os guerrilheiros a sobreviver, caçar e se localizar dentro dela.

O processo de convencimento das massas estava só no início quando o movimento foi descoberto pelos militares. Até hoje não se sabe exatamente como a guerrilha foi descoberta, mas é provável que entre os guerrilheiros houvesse um delator. Ocorreu de um casal de militantes abandonar a área sem a autorização do Comando das Forças Guerrilheiras. Quando viram que a guerra estava próxima, fraquejaram e fugiram. Eles teriam se perdido numa trilha, caído nas mãos dos militares e entregado a localização dos companheiros nas sessões de tortura. Não há, porém, informações seguras quanto a isso. Até porque o Exército vinha seguindo o passo de muitos militantes desde as cidades.

O fato é que, ao descobrir a existência de guerrilheiros na região Norte do país, o Exército enviou tropas

para lá. E, antes do tempo previsto, os guerrilheiros se viram obrigados a entrar na floresta e se preparar para os combates. Sabiam que não era o momento certo para iniciarem a guerra, mas ao mesmo tempo estavam eufóricos e confiantes. No dia 12 de abril de 1972, data que marca a chegada do Exército ao Araguaia, Helenira Resende pegou sua carabina e a deixou impecavelmente limpa. Depois, como costumava fazer outra guerrilheira chamada Dina, jogou uma tampinha de garrafa para o alto e atirou nela, para testar a pontaria. Acertou em cheio. “Eles chegaram, a guerra vai começar”, disse ela.

A vida na selva

Com seus 7,5 milhões de quilômetros quadrados, a Amazônia é a maior floresta tropical do mundo. Sua área corresponde a sete países do tamanho da França. Na descrição de Adalberto Luís Val, pesquisador do Instituto Nacional da Amazônia (Inpa), a região é um caos de ilhas, um mosaico fluido de pequenos igarapés, rios colossais, pequenos lagos que brincam de esconde-esconde, lagos maiores que resistem ao desaparecimento na seca, águas de todas as cores, árvores de todos tamanhos, peixes de todas as formas, e um mundo sem fim oculto aos nossos olhos. A paisagem parece monótona vista do alto, mas não: sob o gigantesco teto verde ela é dinâmica – não apresenta nenhum dia igual ao outro. O sobe e desce das águas, o silêncio ensurdecedor que em algumas áreas recria sons esquecidos, o cair das árvores, o canto dos pássaros, o vento, a chuva, a ilha que se move, as migrações dos homens e dos bichos, o peixe que “anda”, o peixe que “morre afogado”, criam, em sua imensidão, um desenho novo a cada dia para a região.

Este passou a ser o cenário da Guerrilha do Araguaia quando o Exército descobriu o foco guerrilheiro

e os combates tiveram início. Por mais que alguns guerrilheiros tivessem treinamento militar em países como Cuba, Albânia ou China, não foi fácil sobreviver à selva. A adaptação foi dura e demorada, pois a maioria dos militantes era formada por estudantes vindos de centros urbanos. João Amazonas, comandante-em-chefe da guerrilha, falou sobre a nova realidade: “Sofremos muito na mata, e tivemos de superar muitos obstáculos. Doenças, animais, isolamento. A mata é toda igual, de repente você entra e não sabe mais sair”.

Mas ele se lembra também de passagens que mostram o espírito de superação de seus comandados. E cita uma conversa rápida e inesquecível que teve com Helenira, que ele definia como “uma moça séria e inteligente”. Diz ele que certa vez perguntou-lhe o que gostaria de ser depois que a revolução triunfasse e ela respondeu: “Você sabe, eu quero ser crítica de arte”. Amazonas conclui pedindo para que tentemos nos colocar no lugar de Helenira: “Imaginem vocês, pensando em crítica de arte estando lá no Araguaia de arma em punho para enfrentar o inimigo”.

As artes sempre tiveram espaço na vida da jovem estudante. Durante as noites, na escuridão da mata, Helenira promovia saraus de poesia e música ao redor da fogueira. Ela acreditava que, numa guerra, atividades culturais eram tão importantes quanto as armas, porque mantinham a mente sã. Dentre as músicas que gostava

de cantar ao lado dos companheiros estava *Pesadelo*, de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, que virou uma espécie de hino do movimento:

Quando um muro separa
Uma ponte une
Se a vingança encara
O remorso pune
Você vem me agarra
Alguém vem me solta
Você vai na marra ela um dia volta
E se a força é tua ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte
Olha o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós?

Dizem que Helenira gostava de cantar mais alto o trecho que dizia “uma ponte une”. Ela acreditava que o compositor havia feito uma homenagem à União Nacional dos Estudantes, entidade da qual, como já vimos, ela era vice-presidente. Por não poder citar a UNE diretamente, devido à censura da época, o autor da letra, Paulo César Pinheiro, teve de dar outro sentido à palavra, usando a sigla disfarçada de verbo “unir”. A leitura de Helenira convencia os companheiros, que assim cantavam a canção com redobrado entusiasmo.

Infelizmente há poucos documentos precisos que possam contar da vida dos guerrilheiros na selva. Um deles é a reportagem, escrita em primeira pessoa pelo jornalista Osmar Luís, que recebeu autorização do Comando das Forças Guerrilheiras para entrar no território da guerrilha e entrevistar alguns combatentes. O texto foi traduzido de um jornal francês, que o publicou em 1973, já que no Brasil era quase impossível divulgar a existência da guerrilha. Nele, Helenira dá sua única entrevista conhecida na condição de combatente revolucionária.

Diz a reportagem:

Logo depois do almoço, chegou ao acampamento um grupo de guerrilheiros. Entre eles, uma jovem alta, morena, cuja fisionomia me era conhecida. Helenira! Era ela mesma, não havia dúvidas. Eu a conheci em 1968, quando fazia a cobertura das manifestações estudantis em São Paulo. Helenira Resende era uma das líderes universitárias que, com Travassos, Dirceu e outros, dirigiam as grandes lutas da UNE, lutas que tiveram enorme repercussão em todo o país. Muito combativa e inteligente, era muito comum, quando contrariada, xingar feios palavrões. Depois do AI-5 Helenira foi perseguida pela polícia. Mas ela sempre conseguia escapar.

– Você por aqui, Helenira?

Ela também me reconheceu. Relembramos situações e amigos comuns. Ela falou de vários jovens revoltados, “de pessoas

que participaram de ações estudantis, que viram seus companheiros assassinados na rua e que haviam se revoltado com os vexames de moças aprisionadas, com as selvagens torturas empregadas nos quartéis e na polícia”.

E ela prosseguiu:

– Muitos foram assassinados e não podemos esquecê-los. Outros estão na prisão ou no exílio. São numerosos os que mantêm, em diversas frentes de luta, o mesmo ardor daquele tempo. Não é verdade?

– Como você se tornou guerrilheira?

– Bem, parece que a ditadura não me adora e eu lhe retribuo esse sentimento. Eu também não a adoro. Continuar nas cidades era para mim impossível. Eu não poderia e não queria largar tudo e me preocupar somente com a minha modesta vida. Então, a única saída foi vir para cá. Esse regime que ensanguenta o Brasil precisa ser derrubado. Isso é o que está na cabeça e no coração de milhões de jovens. Isso é o que se passa dentro de mim também...

– Só há você como guerrilheira?

– Não. Há mulheres daqui e das cidades. Todas se saem muito bem. Há algum tempo, uma guerrilheira foi presa perto de São Geraldo. Ela se perdeu e foi encontrada pelos soldados. Quando ela foi presa, resistiu. Os soldados tiveram de amarrá-la e assim a levaram. Por onde ela passava, apelava aos camponeses para que lutassem contra o governo, sem ligar para as ameaças de morte que os militares faziam. Na região, todo mundo fala da bravura dessa camarada. Você já ouviu falar

da Dina, não? Sua cabeça foi colocada à prêmio. Ela é muito bondosa, simples, devotada e corajosa.

Helenira pediu-me para dar um telefonema à sua família e lhe enviar lembranças quando eu passasse por São Paulo e para transmitir aos jovens um apelo para que mantenham firme a bandeira da liberdade, sem dar descanso à ditadura:

– Quem persiste na luta acaba triunfando!

Helenira integrava o Destacamento A. Além do seu destacamento havia outros dois: o B e o C. Cada destacamento contava com cerca de 21 guerrilheiros divididos em três grupos de sete combatentes. Cada destacamento tinha um comandante e atuava numa região específica da selva. O Destacamento A, comandado pelo operário italiano Líbero Giancarlo Castiglia (depois pelo estudante carioca André Grabois), se localizava na região de Faveira, próximo da Serra das Andorinhas. O Destacamento B, comandado pelo mineiro Osvaldo Orlando da Costa, ex-militar e lutador de boxe, se localizava na Gameleira, entre Brejo Grande e São Geraldo, no Pará. E o Destacamento C, liderado pelo economista gaúcho Paulo Mendes Rodrigues, controlava Caianos. Havia ainda a Comissão Militar da Guerrilha, responsável por coordenar as ações de cada destacamento e manter a comunicação entre eles. Faziam parte da comissão os dirigentes Maurício Grabois, João Amazonas e Ângelo Arroyo, além de alguns homens

que cuidavam de sua guarda pessoal, como Micheas Gomes de Almeida, o Zezinho.

Helenira tinha a confiança dos companheiros e, por suas qualidades, chegou a chefiar um grupo de sete homens em algumas expedições pela mata. Qualquer deslocamento pela selva era uma aventura. A partir do fim do tarde a floresta era tomada pelos mosquitos. O relatório escrito por Ângelo Arroyo diz que nuvens de insetos invadiam os acampamentos e era quase impossível escapar da malária. Muitos guerrilheiros sofriam com as picadas e padeciam de febres altíssimas que levavam ao delírio. Também eram comuns as visitas de cobras de todos os tipos. Outro desafio era a alimentação. No início os guerrilheiros tinham suprimento de carne e farinha. Mas, depois dos primeiros combates, as reservas de comida foram destruídas pelos militares e os guerrilheiros tiveram de extrair da mata o seu sustento.

João Amazonas lembra que a ordem era para que todos andassem com sementes de frutas nos bolsos e plantassem na mata, durante as caminhadas. As árvores cresciam muito rápido e, além de amenizarem a fome, serviam como pontos de referência. A única carne que conseguiam obter com facilidade era a do jaboti. “O jaboti é uma comida especial. Ele não sabe correr. Você o pega com as próprias mãos. E, se você já estiver muito cheio de coisas, pendura ele numa árvore, que ele não desce, fica lá, então você o pega na volta”, recomen-

dava o comandante aos companheiros. Nas palavras de Amazonas, os guerrilheiros deveriam “erguer um monumento ao jaboti” tamanha a importância de sua carne na sobrevivência do grupo.

Helenira não se queixava da alimentação precária. Ela se adaptava às dificuldades e se convencida de que o sofrimento podia ser também enriquecedor, na medida em que testava seus limites e suas convicções. Apesar da fome e do cansaço, ela tirava da própria tarefa revolucionária a energia necessária para continuar resistindo. Certa vez, Helenira saiu da mata para pedir comida na casa de uma família de camponeses. Porém, ao chegar ao local, percebeu que eles próprios não tinham nada para comer naquele dia. E acabou entregando o resto de jaboti que trazia pendurado às costas. “Vocês têm crianças em casa; vão precisar mais do que eu” teria dito ela. Assim era Helenira, um ser humano capaz de doar o pouco que tinha para amenizar a fome do próximo.

Enfim, os combates

As Forças Guerrilheiras tinham o apoio e a simpatia das massas, mas contavam com um armamento precário: revólveres, rifles 44 e umas poucas metralhadoras fabricadas na mata. Do outro lado, as Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) contavam com fuzis FAL, helicópteros e aviões que bombardeavam a área com napalm fornecido pelos Estados Unidos. O governo estadunidense, aliás, era o maior apoiador da ditadura no Brasil. Contrariando todas as leis da guerra, forneceu apoio material para que os militares brasileiros bombardeassem o Araguaia. O napalm é o combustível resultante da mistura de gasolina com uma resina espessa da palmeira que lhe dá o nome. Foi usado pela primeira vez na guerra do Vietnã. Seu uso – pela crueldade das consequências que provoca – é condenado pela Convenção de Genebra.

O Centro de Comunicação do Exército não confirma o uso da bomba, mas em artigo escrito para a revista *Airpower Journal*, da Força Aérea dos EUA, o coronel do Exército Álvaro de Souza Pinheiro, registra: “Uma das primeiras operações efetuadas na área foi uma ação

de vasculhamento na única serra existente na região, a Serra das Andorinhas, que se caracterizava por não ter cobertura vegetal. Após ser bombardeada com napalm pela Força Aérea, a serra foi objeto de uma vigorosa ação de cerco e busca efetuada por grande efetivo”. No entanto, nenhum guerrilheiro foi morto pelas bombas de napalm, mas certamente a fauna e a flora da região sofreram danos irreparáveis.

O dia 12 de abril de 1972 marcou o início da guerra. Era manhã e fazia um calor escaldante no Araguaia. O ar estava parado e a mata era silêncio e umidade. Um avião militar riscou o céu trazendo maus presságios. Naquela hora Helenira teve um pressentimento e tratou de conferir se o armamento estava em ordem. As tropas da ditadura rapidamente se instalaram na Transamazônica e nas cidades de Xambioá, Marabá, Araguatins, Araguaianã e nos povoados de Palestina, Brejo Grande, São Geraldo e Santa Cruz. Os moradores eram interrogados e tratados com virulência. Todos eram suspeitos de ajudar os guerrilheiros. A chegada das tropas representou o terror para muitas famílias que nem sequer conheciam o significado da palavra “guerrilha”.

Os militares utilizaram aviões, helicópteros e, nos rios e igarapés, barcos da Marinha. A princípio, as tropas não entraram na mata. Ficaram emboscadas nas casas dos camponeses, nas roças e nas estradas. Esperavam capturar algum guerrilheiro para arrancar-lhe informa-

ções seguras sobre a localização dos acampamentos. Enquanto isso, divulgavam para a população que os “forasteiros” eram terroristas perigosos, bandidos procurados pela polícia e até mesmo estrangeiros – russos, chineses e cubanos. Alguns moradores foram obrigados a servir de guias do Exército e levaram os militares até os paióis de milho, arroz e castanha que abasteciam a guerrilha. Tudo foi queimado e as árvores frutíferas foram arrancadas.

Quinze dias após a chegada dos militares, a luta teve início. Assim que as tropas do governo localizaram o acampamento do Destacamento A, seus integrantes se retiraram para a área de refúgio. Informada por um mensageiro da presença do Exército, Helenira Resende conduziu os companheiros para um local seguro, pois estavam sem condições de resistir ao ataque. Deixaram para trás roupas, calçados, remédios, livros, papel para impressão, o Manual do Curso Militar e armas que estavam em conserto. Também caiu em poder do inimigo grande parte da oficina mecânica. Tudo foi destruído pelos soldados.

No mesmo dia, dois guerrilheiros do Destacamento B cruzaram com um grupo de militares. Houve troca de tiros. Um cabo e um soldado foram mortos. Um sargento foi ferido. Os outros abandonaram o local às pressas. Surpreendidos pela tática guerrilheira de fustigar o inimigo e desaparecer na selva, os militares sofreram

uma derrota inesperada em sua primeira tentativa de aniquilar o foco de resistência. Não contavam com a reação firme dos revolucionários e, como não conheciam a mata, voltaram temerosos para as bases do Exército. Correu o boato de que os soldados mais jovens choravam de medo antes de entrar na área controlada pela guerrilha. Tremiam ao ouvir falar de guerrilheiros quase míticos como Osvaldão e Dina, que ao longo da luta ganharam fama de “imortais”.

Osvaldão era o apelido de Osvaldo Orlando da Costa, um boxeador negro, muito forte, com dois metros de altura e bom humor contagiante. O nome que ele conquistou na guerrilha levou os camponeses a criar todo o tipo de lenda a seu respeito. Muitos diziam que ele tinha a capacidade de se transformar em pedra e árvore para despistar o inimigo. Era tudo fantasia criada pela cabeça do povo, naturalmente. Mas que não deixava de revelar a permanência da figura de Osvaldão no imaginário da população do Araguaia. Dizem que nas festas promovidas pelos moradores ele era o primeiro a chegar e o último a sair, pois gostava muito de dançar.

Dina era o codinome de Dinalva Oliveira Teixeira, uma geóloga baiana, conhecida por ser exímia atiradora. Ela era vice-comandante do Destacamento C e até hoje é lembrada como dona da melhor pontaria da guerrilha. Tudo indica que tenha partido da carabina dela a bala que matou o Cabo Odílio Cruz Rosa no embate inaugu-

ral. O fato é que, depois da primeira tentativa frustrada de combater a guerrilha, o Exército foi obrigado a rever seus métodos. Moradores antigos que ainda vivem no local dizem que a primeira campanha foi desastrosa. Há depoimentos que afirmam que, entre abril e outubro de 1972, muitos soldados foram mortos e caminhões passavam cheios de cadáveres nas estradas da região. Mas não há números seguros que possam confirmar esses depoimentos. Sabe-se apenas que do lado dos militares foram 16 baixas oficiais.

A vitória parcial da guerrilha encheu o movimento de ânimo. Apesar da inferioridade numérica, a resistência se mostrou possível. Estima-se que mais camponeses se alistaram às fileiras revolucionárias depois do episódio. Helenira era uma das mais animadas. Mesmo na luta não deixou de estudar e gostava de compartilhar seu conhecimento com os companheiros. Por isso era comum vê-la segurando uma carabina e um livro. Eram, para ela, duas armas poderosas no combate à opressão. Isso explica porque a ditadura censurou tantos livros nas cidades e porque queimou todas as obras que encontrou em posse dos guerrilheiros, durante a luta. Helenira caiu em combate, logo no início do confronto. Mas sobre isso falaremos adiante, porque a história não termina com a morte de nossa personagem.

A segunda campanha do Exército ocorreu entre abril e agosto de 1973 e foi chamada de Operação Su-

curi. Dessa vez entrou na selva apenas a tropa de elite. E, contrariando mais uma vez as leis internacionais da guerra, combateu sem farda. À paisana, vestidos como moradores da região, os militares acreditavam que podiam confundir os guerrilheiros. Em algumas situações a tática funcionou. Mas a guerrilha também tinha suas técnicas para fugir ao cerco. Uma delas foi inspirada na lenda brasileira do Curupira, que tem os pés invertidos. Os guerrilheiros invertiam as solas das botas para que os militares não pudessem seguir suas pegadas. Isso levava muitos soldados a se perderem no interior da floresta ou caírem em emboscadas. Durante boa parte do tempo a luta se travou nesse plano psicológico.

A segunda campanha deixou muitos guerrilheiros mortos. Ela marcou também o início da “guerra suja” do Exército, que deixou de lado todas as leis da guerra e passou a executar prisioneiros e decapitar cadáveres. Aviões sobrevoavam a mata e as vilas despejando folhetos contendo ordens de rendição. As mensagens diziam que a guerrilha estava cercada e que os moradores não apoiavam a causa dos “terroristas”. Os guerrilheiros, porém, sabiam que não era verdade. Apesar de continuar contando com um armamento precário, a guerrilha tinha avançado no conhecimento da selva e conseguido organizar um pouco melhor o seu abastecimento. O moral ainda não havia sido abalado e a decisão de continuar resistindo foi unânime. Sem conseguir eliminar a base

dos destacamentos, o Exército recuou novamente e propôs um breve período de trégua. A guerrilha então pôde reatar sua ligação com as massas.

Nesse período de trégua a população intensificou seu apoio fornecendo comida, redes, calçados e roupas. Os guerrilheiros, por sua vez, ajudavam as famílias no trabalho de roça. Os hinos da guerrilha eram cantados pelo povo. Algumas cantigas de exaltação à luta foram criadas pela própria população. Poemas e cordéis foram feitos e recitados nas festas em Marabá e Xambioá. E a Rádio Tirana, que surpreendentemente funcionava desde as profundezas da selva amazônica, continuou transmitindo seus boletins diários da guerra.

A guerrilha aproveitou também para acertar as contas com o pistoleiro Pedro Mineiro, que conhecia bem a região e passou a trabalhar para os militares na caça aos guerrilheiros e na agressão aos moradores. Ele foi julgado e executado conforme as leis do tribunal revolucionário. Houve também uma ação contra a fazenda do latifundiário Nemer Kouri e contra um posto da Polícia Militar do Pará, na Transamazônica. Nas ações foram apreendidos algum dinheiro, fuzis, revólveres e munição. Dessa vez ninguém foi executado, mas os homens foram advertidos de que não escapariam do fuzilamento se voltassem a usar da violência contra os camponeses.

A terceira e última campanha do Exército foi de setembro de 1973 a março de 1975. Ficou sendo chamada

de Operação Marajoara. Os guerrilheiros já não tinham roupas e calçados em quantidade suficiente. Mesmo assim o moral do grupo era elevado. As tropas da ditadura iniciaram a operação desencadeando intensa repressão contra as massas. Prenderam quase todos os homens e deixaram nas roças apenas mulheres e crianças. Pais de família enlouqueceram nas sessões de tortura. Muitos desapareceram e tiveram suas casas queimadas. O Exército estava disposto a aniquilar a guerrilha sob qualquer condição, mesmo que para isso tivesse que atacar moradores que nada tinham a ver com a guerra. O objetivo era cortar a ligação dos camponeses com os guerrilheiros, para que estes ficassem ainda mais isolados na mata e não recebessem qualquer tipo de ajuda.

Em dezembro de 1973 a guerrilha sofre sua pior baixa. Muitos militantes foram mortos de uma só vez, entre eles o chefe-comandante Maurício Grabois, um dos mais respeitados líderes do movimento. Aos 60 anos de idade, o ex-deputado Grabois era o mais experiente do grupo e sua morte em combate abalou terrivelmente os ânimos dos guerrilheiros. Em fevereiro de 1974, outra perda decisiva: cai o mito – Osvaldão é morto à traição por um camponês chamado Arlindo Vieira, o Piauí, recrutado pelos militares. Osvaldo estava procurando alimento, numa roça de milho, quando ouviu o camponês chamar seu nome. Virou-se e recebeu um tiro de espingarda no peito. Seu corpo foi amarrado pelos pés a

um helicóptero e exibido à população como um troféu. Depois teve a cabeça cortada.

Em outubro desse mesmo ano, a última guerrilheira foi capturada: Walkíria Afonso Costa era seu nome e estava perdida na mata, faminta e nua, não tendo condições de oferecer qualquer reação. Mesmo assim foi torturada e morta. Era o fim da luta de resistência dos bravos guerrilheiros, que passaram a se resumir apenas ao comandante Ângelo Arroyo e a Zezinho. Os dois foram caçados até janeiro de 1975, mas conseguiram fugir da área e chegar a São Paulo. Antes de morrer, executado na famosa Chacina da Lapa, em 1976, Arroyo conseguiu salvar os originais de seu diário de guerra. Sem esse relatório, teria sido impossível contar esta história.

Em 1979, a Lei da Anistia permitiu o retorno dos exilados políticos ao Brasil. Os militares continuaram no comando até 1985, quando cederam às fortes pressões da sociedade e deixaram o poder. A democracia, ainda que tímida, renascia. Todos os que morreram na luta contra a ditadura contribuíram para a volta da liberdade e dos direitos civis.

A morte de Helenira

Era o dia 29 de setembro de 1972. Naquela manhã, Helenira Resende levantou-se muito cedo. Na noite anterior tinha recebido ordens de fazer guarda num ponto alto da mata para permitir que um grupo guerrilheiro passasse em segurança pelo local. Helenira foi incumbida de cuidar para que os companheiros não fossem atacados de surpresa e pudessem realizar operações de fustigamento contra tropas do Exército que estavam instaladas em áreas próximas. Assim, quando os primeiros feixes de sol penetraram na selva, dando ao lugar uma iluminação tétrica, a jovem guerrilheira já estava a caminho de seu posto. Junto com ela estava outro militante chamado Nunes.

Helenira montou sua guarda durante horas. Observava a área com olhos atentos. Do alto podia divisar as clareiras da mata, os atalhos de fuga e as bases militares nas estradas ao longe. Aparentemente estava tudo tranquilo. A dupla, contudo, permaneceu em silêncio todo o tempo, evitando fazer barulho porque estava plantada em um local relativamente desprotegido. Com armas em punho, os guerrilheiros aguardavam

a passagem do grupo com grande tensão. Sabiam que os militares estavam por perto e que poderiam atacar a qualquer momento. Levaria vantagem no confronto quem conseguisse descobrir a localização do outro e atirar primeiro.

De fato as tropas do Exército rondavam o local. Mas, ao contrário do que seria o óbvio, os soldados não entraram pela estrada, onde poderiam ser vistos e ficariam vulneráveis aos ataques vindos do alto. Perceberam que a passagem era perigosa e enviaram bate-paus para explorar as margens da estrada. Os bate-paus eram moradores recrutados, quase sempre sob ameaças de morte ou promessas de dinheiro, para ajudar na localização de guerrilheiros. O camponês foi na frente, conhecedor da área que era. Um time de soldados vinha logo atrás, apontando suas armas em direção à mata fechada. De repente o grupo se deparou com os dois guerrilheiros atrás de uma pedra. Nunes acionou a metralhadora, mas ela não funcionou. Ele então saltou para dentro da floresta e desapareceu. Helenira só teve tempo de fazer pontaria com sua espingarda e atirar. Acertou e matou o primeiro soldado da fila. O segundo mandou-lhe uma rajada de metralhadora que a atingiu nas pernas. Helenira caiu e perdeu a espingarda. Ferida, sacou o revólver que trazia na cinta e atirou no militar que se aproximava, acertando-o em cheio. Enquanto este agonizava no chão, os outros tratavam de se proteger

do fogo que vinha da arma de Helenira. Ela só tirou o dedo do gatilho quando as balas acabaram. Foi então cercada pelo grupo.

– Onde estão os terroristas? – perguntou-lhe um militar, com a arma apontada para ela.

– Jamais entregaria meus companheiros! Eles me vingarão! – respondeu a jovem.

Em seguida, Helenira foi torturada e assassinada com golpes de baioneta na cabeça. O local onde ela foi morta virou uma poça de sangue, conforme contaram os soldados do Pelotão de Investigações Criminais (PIC). Eles confirmaram também que a coragem da moça irritou a tropa, que decidiu matá-la ali mesmo. Segundo depoimento da moradora Adalgisa Moraes da Silva, os militares passaram pela casa de sua mãe logo após matarem Helenira. Lá ela foi embalada em saco plástico preto e levada para a região de Oito Barracas, onde teria sido enterrada numa vala comum. Décadas depois, ossos humanos foram encontrados no local, mas não há a confirmação de que sejam de Helenira. Por enquanto seus restos mortais continuam desaparecidos.

Ao saber da morte da estimada militante, as Forças Guerrilheiras do Araguaia emitiram seu 6º comunicado ao povo. A partir daquele momento, Helenira Resende passou a dar nome ao Destacamento A, no qual se destacou. A singela homenagem era o reconhecimento do grupo por sua decisão em dar a própria vida pela causa

e pela segurança dos companheiros. A dignidade na morte mostrou que nas veias de Helenira corria sangue rebelde, como registra a carta:

6º Comunicado das Forças Guerrilheiras do Araguaia

Com grande pesar e profundo sentimento revolucionário, as Forças Guerrilheiras do Araguaia comunicam a morte em combate da heróica e devotada lutadora da causa do povo HELENIRA RESENDE.

Quando cumpria um encargo de observação, Helenira foi descoberta por um bate-pau e em seguida cercada por soldados acantonados no lugarejo denominado São José. Não se atemorizou. Atirou enquanto pôde. Atingida por uma rajada de metralhadora, caiu mortalmente ferida, derramando seu sangue pela liberdade e pela independência da pátria. Cumpriu com honra e dignidade seu dever de membro das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

Universitária e dirigente da União Nacional dos Estudantes, Helenira veio para o campo com o objetivo de ligar-se aos camponeses e participar de suas lutas, sendo conhecida pelo nome de Fátima na região em que morava. Tornou-se muito estimada por todos que a conheciam. Ao sobrevir o ataque das forças da ditadura contra os moradores do Sul do Pará, incorporou-se aos que resistiram de armas na mão. Revelou grande coragem, espírito de iniciativa e capacidade de comando. Gozava de imenso prestígio entre seus companheiros. O exemplo revolucionário de Helenira Resende jamais será es-

quecido pelo povo, em particular pela juventude. Os estudantes lembrar-se-ão sempre daquela que, além de guerrilheira, se destacou como valorosa militante do movimento democrático. Reverenciando a memória de tão brava combatente, o comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia decide dar seu nome ao grupo ao qual ela pertencia.

O grupo de combate Helenira Resende há de crescer e realizar proezas dignas dessa heroína do povo brasileiro.

Honra e glória a Helenira Resende. Morte aos que perseguem e atacam os moradores e os combatentes do Araguaia! Por um Brasil livre e independente!

O Comando das Forças Guerrilheiras do Araguaia.

A morte de Helenira causou forte impacto no des-tacamento em que ela atuava, mas não abalou o moral do grupo. Ao contrário: a maneira como ela morreu, defendendo os princípios revolucionários até o fim, motivou os companheiros a continuarem na luta. Apesar da inferioridade numérica, nenhum guerrilheiro se entregou. Ao final, porém, prevaleceu o maior poder de fogo do inimigo: a guerrilha foi dizimada e todos os guerrilheiros foram mortos em combate ou assassinados posteriormente. Apenas cinco prisioneiros tiveram suas vidas poupadas: José Genoíno Neto (hoje um dos nomes fortes do PT), Crimeia de Almeida, Glênio Sá (morto anos depois num acidente de trânsito), Dower Cavalcante (falecido em 1993) e Luzia Reis. O comandante

Ângelo Arroyo, como já foi dito, conseguiu escapar do cerco militar em 1975 e chegar a São Paulo, onde foi assassinado um ano depois. A também comandante Elza Monnerat, responsável por recrutar guerrilheiros nas cidades e transportá-los para a região, estava fora da zona de combates e morreu em 2004, aos 91 anos de idade. O comandante-em-chefe João Amazonas também se encontrava fora do Araguaia quando os combates tiveram início e articulou a guerra desde São Paulo. Morreu em 2002, aos 90 anos, como presidente de honra do PCdoB. Seu último pedido foi que tivesse o corpo cremado e as cinzas jogadas no Araguaia. “É uma maneira de me juntar aos que lá tombaram”, deixou anotado num bilhete. Em 2002, as cinzas de Amazonas foram depositadas na área onde houve a guerrilha, em cerimônia que reuniu comunistas de todo o país e moradores da região. O guerrilheiro Zezinho ainda está vivo.

Apesar de ser desconhecida para a maioria das pessoas, a história de Helenira Resende começa a despertar interesse em muitos brasileiros. Aos poucos, sua memória vai sendo recuperada e seus feitos reconhecidos. Na condição de mulher, Helenira mostrou-se combatente dedicada e corajosa. Mas ela não estava sozinha. Outras mulheres, jovens como ela, participaram da luta no Araguaia e por lá deixaram suas vidas. Dinalva Oliveira Teixeira (Dina), Luiza Augusta Garlippe (Tuca), Maria Lúcia Petit (Maria), Áurea Elisa Valadão (Elisa),

Dinaelza Santana Coqueiro (Mariadina), Maria Célia Corrêa (Rosa), Jana Moroni Barroso (Cristina), Sueli Yumiko Kanayama (Chica), Telma Regina Cordeiro (Lia), Lúcia Maria de Sousa (Sônia) e Walkíria Afonso Costa (Walk) também merecem entrar para a história como heroínas do povo. Todas, sem exceção, foram fiéis aos princípios da Guerrilha do Araguaia e não se renderam diante do inimigo. Lutaram até a última bala e entregaram a vida para que as futuras gerações pudessem nascer num país livre e democrático. Sintetizadas na figura de Helenira Resende, essas mulheres devem ser lembradas com carinho e orgulho por todos nós. É o exemplo da luta que forja o caráter de um povo e de uma nação.

Helenira: Presente!

Hoje Helenira Resende é nome de rua na cidade de Campinas (SP). Ela batiza uma ruazinha de terra no bairro pobre de Vila Esperança. Todos os guerrilheiros que caíram em combate também viraram nomes de rua nessa cidade paulista. Helenira Resende é também o nome do Diretório Acadêmico da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Assis. E nomeia ainda um abrigo em São Paulo que cuida de mulheres que sofreram agressões físicas em casa. O tempo tem se incumbido de trazer à tona o nome da valorosa guerrilheira e inseri-lo com destaque no rol dos grandes patriotas deste país.

Esta não é a história definitiva de Helenira. O tema ainda esbarra na falta de informações e documentos seguros que possam contá-lo com riqueza de detalhes. Durante todos esses anos, o Exército tratou de ocultar a história da Guerrilha do Araguaia e até mesmo negar que ela tenha ocorrido da forma como registra o Relatório Arroyo ou o depoimento dos sobreviventes. Certamente os feitos de Helenira e seus companheiros pertencem ao futuro, quando vierem à tona os documentos secretos que – acreditamos – ainda estão em

posse dos militares. O objetivo deste livro foi reconstruir, a partir de poucos textos e relatos disponíveis, a trajetória de uma das guerrilheiras que participou de tão grandioso acontecimento. Este trabalho, porém, não esgota o assunto e busca incentivar outros autores a se aprofundar nas pesquisas para que a saga do Araguaia seja cada vez mais conhecida pela sociedade brasileira.

Com exceção de Maria Lúcia Petit, nenhum outro guerrilheiro teve seus restos mortais encontrados e reconhecidos. Acredita-se que os militares tenham incinerado os corpos para não deixar vestígios das atrocidades que cometeram. De nada adiantou o sumiço dos corpos, pois as ideias permaneceram vivas. Na memória de quem conheceu e conviveu com os militantes da guerrilha, o legado de luta deixado por eles continua presente no discurso dos trabalhadores rurais sem terra do Pará. Na casa de alguns velhos moradores ainda tremula ao vento a bandeira vermelha e preta das Forças Guerrilheiras, como símbolo de uma esperança que jamais poderá ser extirpada. E até mesmo as quebradeiras de coco do Araguaia, quando estão em seu duro trabalho, cantam uma cantiga popular, de autoria desconhecida, evocando a guerrilha:

Xambioá

Mata virgem e escura

Foi lá

Que no meio da mata

Um amigo de infância
Tentou começar

Ah, foi por lá
Onde o povo sofreu pra contar
Onde um jovem sozinho
Valia por trinta em qualquer lugar

E meu irmão
Você fez renascer o sertão
E o maior sentimento
Não vale o tamanho de seu coração

Ê Araguaia
Altamira, Estreito,
Olhe lá
Ainda brilha até hoje
A vida do povo
Que morreu por lá

É esse o canto que ressoa na selva quando, por volta da meia-noite, o rio dorme e a floresta suspende sua respiração. Juram os moradores mais antigos que, durante cerca de dois minutos, os guerrilheiros voltam à vida e vão banhar suas chagas à margem do Amazonas. Adormecido em sinal de reverência, o imponente rio faz silenciar as águas e petrifica os peixes. Há quem

jure de pés juntos que naquela hora se pode ouvir os guerrilheiros cantarem hinos de guerra e de vitória em meio aos tiros de carabina que ainda ecoam na mata escura. Na imaginação generosa do povo simples e combativo do Araguaia, Helenira sobe das águas para o céu. E brilha como uma estrela rebelde na vastidão da noite brasileira.

Carta Póstuma para Helenira

Querida Helenira:

Esta carta chegará com 35 anos de atraso. Mas escrevo para lhe agradecer o gesto tão nobre de ter tentado. Dizem que não se deve tentar, porque o mundo é assim mesmo. Mas é um erro achar que o mundo não muda. Se a primeira negra estadunidense não tivesse se recusado a ceder o lugar para um branco, no ônibus, talvez o *apartheid* persistisse até hoje, nos Estados Unidos. A história registra inúmeros casos de sacrifícios individuais que geraram mudanças no plano coletivo.

Quando as balas da ditadura vararam teu coração, estavas na flor da idade. Na poética definição de um camponês que lhe conheceu na luta, eras “a flor da subversão na boniteza”. Deixastes de ser uma estudante paulista para virar heroína nacional na selva do Araguaia. Os anos se passaram, o mato cresceu e a tornou parte do solo brasileiro – este solo que um dia há de ser nosso. Quando vice-presidente da UNE, pedistes para que a juventude nunca deixasse de acreditar. Que o sonho não deveria ser inatingível pelo simples fato de ser sonho. Ora, o avião também não era um sonho antes de ser

inventado? E quem diria ser possível, antes que o primeiro riscasse o céu? Por isso, quando o comandante da guerrilha lhe perguntou o que gostaria de fazer quando viesse o triunfo, respondestes sem titubear: “Quero ser crítica de arte”. Uma menina carregando um fuzil e sonhando ser crítica de arte.

Há de chegar o dia, Helenira. A paciência é virtude revolucionária. Por isso alguns homens preferem não exaurir a vida e optam por trilhar o caminho da solidariedade desinteressada e da justiça. Os exemplos são incontáveis e podemos começar com Jesus Cristo, se quisermos ter um ponto de partida. Não é sintomático que todos tenham sempre o mesmo fim? Devemos sentir orgulho. Pior seria ter ficado ao lado dos que venceram nessas batalhas. É tão certa a nossa convicção como é verde e amarela a bandeira, como é vasto o mar, como é fértil a terra. Para os arrivistas, nosso otimismo é imperdoável. Mas há motivos para crer no futuro: armas não matam ideias; e enquanto “eles” nos dão por mortos, começamos tudo de novo, como formigas reconstruindo o formigueiro após cada tempestade.

À parte qualquer ideologia, que admirável gesto dedicar a própria vida em nome de milhões de brasileiros que sequer sabiam de sua existência! Homens analfabetos, famintos, embrutecidos pelo desemprego e pelo trabalho escravo. Crianças subnutridas, mulheres abandonadas. Assim como no poema, tinhas apenas

duas mãos e o sentimento do mundo. Nos livros de escola, teu nome não aparece. Os capítulos importantes são reservados aos generais, como Duque de Caxias – aquele que ordenou o massacre de velhos e crianças na Guerra do Paraguai – ou a heróis consentidos, como Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea para evitar a revolução negra.

O presente pode ser injusto, mas o futuro está do nosso lado. Não importa que tenhas caído. Certas derrotas forjam o caráter de um povo, deixam o legado de perseverança e mantêm vivas as grandes mensagens. A tua morte não foi em vão porque teu nome anda nas bocas dos jovens do Brasil. E haverá sempre um Araguaia florescendo em cada coração rebelde. Da mesma forma que teu sangue alimentou a mata, tuas ideias alimentam a nossa esperança na juventude. É dela que virá o amanhã anunciado por ti e teus companheiros. Há de chegar o dia, Helenira. E ele virá pela continuidade de tua luta. Porque só a luta pode salvar este mundo da destruição. O resto, Helenira, é a barbárie.

Bruno Ribeiro

Poemas para Helenira

Estas poesias foram feitas provavelmente pelos guerrilheiros do Araguaia. Sua primeira publicação parcial se deu em 1979 no jornal *Resistência*, do Pará. Segundo o jornalista Luiz Maklouf, elas foram enviadas em 1976 para o jornal *O Estado do Pará*, onde ele trabalhava. Sabendo que jamais seriam publicadas naquele veículo, ele guardou-as pacientemente até que houvesse condições de levá-las ao conhecimento público.

Uma mulher
Se tece em
Cardos
Cordas
Cordeiras aspirações
Assim é
Assim quer
O dono da noite
Mas
Uma mulher é capaz
De paz

E de guerra
Uma mulher

=====

Uma mulher
Desfaz-se de cordas
E
Coisas
Mais graves
E se faz em ave
E voa e vai avoa
Acima
De si
Para o sol
E livre
Leve
Livre,
Isenta dos nossos
Vossos
Estreitos compromissos
Ela fere a noite
Pois prefere o sol

O SOL

Eis o que ela mira

HELENIRA

=====

Ave, Helenira
Os que vão lutar te saúdam!
O povo, o teu povo te saúda
E inscreve no peito
Em secreta caligrafia
O teu nome
Que é VIVO
E SEMPRE
Ave, mulher – Helenira ira –
Porque
Além da morte
Estás viva
E cantas dentro de nós
Muito mais forte que nós
O teu brado de
Vida
Esta fome de luz
Esta certeza
Este gosto de fogo
Que nos equilibra

=====

Hoje
(por enquanto)
Noites ásperas
Duro silêncio
Podemos apenas
O canto tímido
De teu nome
Amanhã porém
Rosas vermelhas
Germinarão de teu sangue
E num dia de sol e vidro
Cantaremos
Aos quatro ventos
Tua canção de justiça

Helenira Resende

(Extraído do livro *Primeiras Cantigas do Araguaia*)

Helenira como muchos
Un dia descubrió
La verdad
Como muchos.
La verdad del pueblo
Aquella verdad dura
Del pueblo oprimido.

Y ella la defendió

La defendió hasta el fin.

Y mira que eso es difícil,
A veces más que morir.
Y ella la defendió
Noche y día.

Noche y día
Ella vivió,
Del hombre su alegría,
Del pueblo sus dolores.
Ella amó y sufrió
Noche y día.

Noche y día
Trabajó,
El hombre de la tierra,
La tierra del hombre
Su tierra
Noche y día.

Noche y día
Helenira hizo de sí,
Una arma del pueblo,
Del pueblo su lucha.

Un día Helenira murió

Y ese día se hizo noche,
Pero enseguida nació
Otro día
Que ella dejó para nacer.

Helenira no murió
Así tan simplemente,
La vida le fue arrancada.
Asesinada
Fue Helenira
Sino, ella no dejaba
La vida
La lucha
Noche y día.

Y ella sigue presente
En el pueblo
En la llama de la lucha
En el ánimo
En el movimiento
De todo aquello
Que quiere hacer
De nuestro mundo
Nuestro mundo brasileño
De nuestro mundo entero
El mundo de aquél
Que,

Explotado

Sufrido

Noche y día

Lucha para construir

Un mundo de libertad

Bibliografia

- CAMPOS Filho, Romualdo Pessoa. *Guerrilha do Araguaia – A esquerda em armas*. Goiânia, Editora da UFG, 1997.
- DANTAS, Renata *et alli*. *Guerrilheiras do Araguaia*. Campinas, PUC, 2005.
- DIRCEU, José e PALMEIRA, Vladimir. *Abaixo a ditadura – O movimento de 68 contado por seus líderes*. Rio de Janeiro, Garamond, 1998.
- MAKLOUF, Luís. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo, Globo, 1998.
- MIRANDA, Nilmário e TIBÚRCIO, Carlos. *Dos filhos deste solo*. São Paulo, Perseu Abramo, 1999.
- MORAIS, Taís e SILVA, Eumano. *Operação Araguaia – Os arquivos secretos da guerrilha*. São Paulo, Geração, 2005.
- MOURA, Clóvis (apresentação). *Diário da Guerrilha do Araguaia*. São Paulo, Alfa-Ômega, 1985.
- PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil*. São Paulo, Global, 1979.
- SÁ, Glênio. *Araguaia – Relato de um guerrilheiro*. São Paulo, Anita Garibaldi, 1990.
- Vários autores. *Guerrilha do Araguaia – Uma epopeia pela liberdade*. São Paulo, Anita Garibaldi, 2005.

JORNAL

GARCIA, Júlio César. “A comovente história de Helenira”. *Voz da Terra*, Assis, SP, 8/2/1979.

NA INTERNET

www.guerrilhadoaraguaia.com.br

www.desaparecidospoliticos.org.br

www.torturanuncamais.org.br

Sobre o autor

Bruno Ribeiro nasceu no bairro de São Cristóvão, cidade do Rio de Janeiro (RJ), no dia 5 de dezembro de 1976, mas foi criado em Campinas (SP), onde reside e trabalha. Formado em Jornalismo, teve passagens pelos jornais *Tribuna Liberal*, *Jornal Roteiro* e *Diário do Povo*. Atualmente atua como repórter e crítico de música no jornal *Correio Popular*. Foi diretor de formação da União da Juventude Socialista (UJS) e também atua como compositor. É autor do livro *A suprema elegância do samba* (Editora Pontes, 2005).



Em 1948, com 4 anos de idade, na casa dos pais em Cerqueira César-SP, Helenira é a primeira da esquerda para a direita.



Em 1948, com suas 5 irmãs posando na residência dos pais em Cerqueira César-SP: a partir da esquerda, Helenice, Heleneide, Helenilda, Helenalda, Helenoira e Helenira.



Em 1961, em Botucatu-SP, por ocasião dos Jogos Abertos da Sorocabana, com grupos de atletas, sobre um caminhão, a passeio pela cidade, Helenira é a segunda da direita para a esquerda.



Foto de 1962, da carteira da Estrada de Ferro Sorocabana.



Em 1963, em Assis-SP, tomando sorvete com amigas.
Helenira é a 3ª da esquerda para a direita.



Em 1965, com amigas no baile de carnaval do Clube Recreativo de Assis-SP, Helenira é a segunda da esquerda para a direita.



Em 1968, em São Paulo, Helenira, à esquerda, com grupo de amigos.



Foto (do arquivo do Dops) tirada uma semana após sua prisão durante o 30º Congresso da UNE, Ibiúna, em outubro de 1968.



Foto da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos, de 11 de dezembro de 1968, dia em que Helenira (na foto, de perfil) saiu da prisão.